O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

ANO 37.º — N.º 1840
Sábado, 10 de Junho de 1944

VISADO PELA CENSURA

OS DESVARIOS DA MOCIDADE

(História duma rapariga moderna)

pelo prof. Serras e Silva

VI

No teatro e no romance a história acaba no casamento, talvez porque vão ser felizes e... os povos felizes não têm história. Contudo a história da desconhecida ainda não acabou, a-pesar-de estar casada e se considerar hoje deliciosamente feliz. E' ela própria que insinua a vantagem de se insistir na fase do arrependimento, mostrando-se o contraste das duas vidas — a má vida e a boa — isto a propósito de romances que pretendem fazer moral.

Certamente a fase de regeneração merece análise, reflexão, estudo — não se renega um passado longo, não se afastam hábitos antigos sem motivos fortes e capazes de criarem novos estados de espírito. Naqueles colóquios que antecederam a doença do homem que é hoje seu marido, colóquios frequentes, respeitosos e sérios, foi-se fabricando o novo estado de espírito donde pôde sair a aceitação do casamento. Seria bem interessante conhecer a estratégia empregada pelo vencedor, a diplomacia cheia de finura que operou em seis meses a grande transformação. Sabemos que lhe falou logo de princípio no dó que lhe inspirava a sua vida de futeis prazeres e acrescentou que havia prazeres mais sólidos, mais profundos e mais duradouros, que derivam da parte superior da natureza humana—os prazeres do espírito.

Entrou pela porta estreita e enveredou pelo caminho difícil da renúncia, maneira original de começar a catequese duma alma transviada. A reacção foi pronta, a proposta foi considerada ridícula e merecedora de castigo que em concêrto com duas amigas oportunamente seria aplicado.

Não se brinca com o amor. Mas como chegaria o nosso homem a fazer nascer essa planta delicada em terreno tão sáfaro? Fez tudo ao contrário do que os outros tinham feito: não adulou, não tentou render a praça para se abotoar com o produto do saque, não revelou qualquer interêsse pessoal—mostrou-se preocupado com o que lhe parecia ser o interêsse dela.

Ao egoísmo dos outros opôs a abnegação, o desinterêsse pessoal.

Acaba sempre por nos parecer mais eloquente a linguagem que nos fala das nossas vantagens, dos nossos negócios, dos nossos interêsses.

E' provável que em pouco tempo lhe desse a convicção de que era digna duma vida melhor, mais alta, mais sã e moral, vida em que deveria sentir-se mais feliz.

Desmontar um estado de espírito, abater um conceito do Mundo e do destino humano, que lisonjeia tão profundamente a sensibilidade, e instalar em seu lugar uma nova construção feita de renuncia, de austeridade e sacrifícios, embora infinitamente salutar, não é obra fácil nem de rápida execução. Foram seis meses e decerto muito tato e prudência foram empregados pelo arquitecto que levou a cabo o edifício em que êle próprio se havia de recolher nos anos da sua maturidade.

A nossa desconhecida sofreu a transformação sem dar muito por isso, mas hoje talvez lhe não fôsse muito árduo reconstituir certas parcelas do caminho andado e descobrir os argumentos ou motivos que mais fundo actuaram no seu espírito.

A história duma alma é sempre uma história interessante porque é mestra da vida cujas lições podem ser úteis a outras vidas.

A técnica é a fada mágica que transforma pedras em pão; é ela que transmuda os corpos e as almas.

A técnica química com que Curie extraiu o rádio da pechelenda podia ter-lhe dado milhares de contos se a tivesse querido vender, (o que, a-pesar-de pobre, não quis fazer). Tal é o valor da técnica. Se nós pudéssemos ter conhecimento da técnica que permitiu extraír da pecadora a mulher arrependida que hoje é exemplar mãe de família, possuiríamos o instrumento capaz de novas conversões. Mas talvez a técnica fôsse pouco, neste caso, e o maior papel tenha cabido ao prestígio do operador. Ora o prestígio é coisa que se não aprende e não se transmite.

A primeira carta diz: «Tenho ainda a alegria de ver duas amigas companheiras de vida louca hoje transformadas como eu, achando-se uma delas também casada. Veja V. a influência que teve a boa alma de meu marido nestas três desvairadas raparigas».

O exemplo é a melhor das lições; é pelo exemplo que se sobe e é por êle que se desce. Com razão, a desconhecida insiste na vantagem de falar à gente moça a linguagem dos factos, da experiência, das histórias vividas, em vez de lhe expor doutrinas e abstracções. E' por isso que se escreve esta história verdadeira, história que parecerá talvez uma mistificação, um produto de fantasia para efeitos de propaganda, mas que, examinando bem certos pormenores, não seria fácil de inventar.

Recorde o leitor, se puder, o que ela escreveu sôbre o desdém com que acolheu o irreparável naquele baile de Carnaval e repare na repugnância que tinha em receber os afagos da mãe. O primeiro era a conseqüência do conceito firme de se divertir sem reservas e sem remorso, visto que os freios morais eram velharias sem valor algum e sem nenhuma vantagem para ninguém; o segundo era contraditóriamente o confronto dos afagos maternos com outras carícias...

Há coisas que a imaginação não inventa se a realidade não fornece os materiais.

O Poeta e a Pátria

O povo português, aproximando, com ingénua singeleza, a data de 10 de Junho das de 13, 24 e 29 do mesmo mês—tão do coração brindadas aos três santos que, familiarmente e sem pecado, chama *Santos Populares*—vulgarmente diz:«dia de S. Camões». Ao fazê-lo, refere-se a quem se, para santo, não possuíu virtudes (êle próprio, no Soneto 193, por exemplo, sinteliza seus deslises humanos em *êrros meus, má ventura e amor)* tinha, cumulativamente com os dons do génio, os brios do denodo. Ora, a seguir à santidade, Portugal teve sempre o heroísmo na ordem hierárquica dos seus respeitos. Sabedor do cêrco de Mazagão, logo embarca para Africa, num bravo impulso bem lusitano. Já cego do ôlho direito, em «surpresa» dos árabes, logo em 1550 se inscreve como homem de guerra para ir na nau *São Pedro dos Burgaleses*. O pensamento da epopeia nacional—analisa um insuspeito biógrafo—ocupou-lhe a alma em tôdas as desolações e vicissitudes. Será inútil e quási impertinente ilustrar esta asserção com páginas da sua biografia, a mais ardentemente decorada pela Pátria, dentre tôdas. Desde o oferecer-se para substituír Fernando Casado na viagem da India, até ao naufrágio na costa de Camboja, as suas aventuras de amoroso, o seu sangue insofrido de *Trinca Fortes* (correspondente ao apodo pitoresco de *Valenton*, empregado na linguagem do século XVI para os mancebos pundunorosos que desembaínhavam a espada à primeira voz), tudo, tudo, torna Luís de Camões, além de poeta por graça divina, paradigma do verdadeiro português, como tanto se afirmou.

Atribúem-lhe, como palavras da agonia, estas: «Morro com a Pátria».

A Pátria não morreria. Quatro séculos depois—como para todo o sempre—poderia homenagear-lhe a luminosa memória; e poderia fazê-lo, independente, reconquistadora dos seus destinos maiores, como oásis de paz e refúgio num mundo inquieto.

P. S.

A guerra

Entrou em nova fase, tendo-se dado esta semana três acontecimentos qual dêles o mais retumbante: a tomada de Roma pelas tropas aliadas, a renúncia ao trono da Itália do rei Vítor Manuel e a invasão da Europa levada a cabo também pelas tropas aliadas, que da região do Havre e imediações se encaminham agora para uma acção decisiva através a França.

O facto causou a maior sensação em todo o país.

Carreguem-lhes!

Por espèculação com fazendas, foi num dos dias da semana pretérita julgada e condenada no Tribunal Militar Especial de Lisboa a firma Companhia de Arrentela, que se fez representar pelo seu atual administrador a quem foram atribuídas as penas de multa no valor de 425 contos e—para a sossêga—60 dias de prisão correccional.

Assim mesmo é que é—dizemo-lo sem papas na língua.

Honra ao Tribunal Militar Especial de Lisboa!

Premiando o trabalho

No próximo número aludiremos a uma festa organizada em Sobral de Monte Agraço pelo abalisado clínico, sr. dr. Adriano de Vasconcelos, e que teve por fim premiar os cantoneiros da região que mais se distinguiram pela sua aplicação no exercício do seu árduo lavor.

D. Maria da Conceição Nobre

Adoeceu em Lisboa pelo que, durante algum tempo, ficaremos privados da sua colaboração, a ilustre autora da *Crónica Alfacinha* e da *Secção Feminina*, cujos escritos tão apreciados eram pelos numerosos leitores do *Democrata* desde o seu início.

Sentindo o afastamento da sr.ª D. Maria da Conceição Nobre do nosso convívio espiritual e lamentando-o, fazemos sinceros votos por que breve se restabeleça e de novo volte a estas colunas com a salutar doutrina que por elas espalhou.

* * *

Em nosso poder ainda ficam dois artigos retidos devido à falta de espaço, do que pedimos desculpa. Publica-los-hemos, porém, nos próximos números.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Varandas floridas

Constatamos, com aprazimento, que se tem alastrado, em Aveiro, o gôsto pelas flôres nos frontispícios dos prédios, havendo ruas que mudaram já de fisionomia pelo aspecto que tomaram com essa maneira de se embelezarem.

Continuamos a apelar no sentido dos habitantes da cidade acompanharem o seu progresso cultural.

Os mixordeiros

Acusado de ter vendido chouriços de ossos e carne com pêlo, tudo levando a crêr que fôsse de cão, foi há dias condenado em 30 dias de prisão correccional, 5 contos de multa, os respectivos adicionais e imposto de justiça, um comerciante do concelho do Sabugal, já useiro e vezeiro na prática de semelhantes delitos.

Então se se provou a reincidência, não seria melhor obrigá-lo a comer, na cadeia, os chouriços assim fabricados?

Deviam-lhe saber bem e completava a sentença do Tribunal, parece-nos...

Cartas a uma amiga de longe

Junho, 1944

Minha querida:

Foi preciso vir a tua carta para me lembrar que, na verdade, há já meses que quedo, posta em silêncio, muda que nem uma rocha...

Para evocar o passado, é cêdo ainda; o presente não tem história, nem tem interesse; o futuro a Deus pertence e longe de mim a presunção de meter a foice em seara alheia ...Por isso me fui calando. Hoje, porém, saio do meu mutismo para te contar, muito de fugida, quantas impressões agradáveis senti durante um lindíssimo passeio que há dias dei por terras da Beira.

Viagens na nossa terra!... Que prazer para os olhos, que deleite para os corações viajar nesta terrinha que o Creador inundou de Sol, de flores, de graça e de beleza! Um verdadeiro prodígio da sua paleta mágica !...

No acre aroma das matas e pinhais, por todos os cantos dilue-se o perfume das rosas e uma quietação de êxtase absorve em íntima harmonia cérebro e coração. E até os instintos falam a meia voz, num murmúrio lento e suavíssimo como que não querendo perturbar as galas da Natureza...

Num pulo puzemo-nos em Coimbra, cheia de risos e de festa de estudantes. Logo manhã cêdo a deixamos a pouco e pouco, os campos do Mondego foram-se perdendo também e em constante encantamento lá seguimos, estradas fora, por essa Beira, circundada de serranias e àsperas montanhas, vales fertilíssimos, prados esmeraldinos.

Que pitoresca, a serra da Louzã! O centeio, a cevada, a aveia e o trigo vão colorindo vales, encostas e outeiros; e os sobros, numa abalada pelos montes, juntam-se ao verde negro dos pinhais fechados. Uma alta no Caramulo cimeiro e granítico, onde tanta gente procura curar-se e voltar à vida...

Que lindo também o Vale de Besteiros, mansão de abundância e de paz! Que risonha Tondela, que alegre e florida!

E a vetusta Vizeu, de velhos solares cuja beleza é realçada pelas modernas construções, é uma cidade que progride sempre, é já uma grande cidade. Deixamo-la e seguimos na orla de um grande vale, rico de culturas e onde aqui e além espreitam lugarejos. Avistamos a Gralheira, pincaros da Estrêla lá muito ao longe e da aspereza da montanha à doçura da campina crescem as árvores, que tudo embelezam e tudo animam. Lá está Lamego, cidade antiga e pitoresca e no alto a Senhora dos Remédios. A estrada até lá acima é uma verdadeira clareira de floresta e a capela da milagrosa Senhora um mimo que emociona e encanta.

E para que nada ficasse por ver e... por provar, pensas que me esquéci que perto dali era a Raposeira, donde sai o melhor champagne português?

A viagem continua, uma luz resgatadora penetra na sombria floresta e de improviso, uma fulguração lampeja o Vouga. Velhos carvalhos sustêm amorosamente as vides que se atiram, ébrias, à fugidia corrente... E aquêle anfiteatro magnífico, a fragância das vinhas e pomares, os vastos arvoredos, as variadas culturas escalonando-se em socalco, empolgam-nos. O murmúrio do Vouga, o afago da briza tépida, a magestade da montanha, o amontoado de fidalgos solares, a frescura dos jardins, a variedade das flores —que lindo tudo foi e que pêna ter passado já!

Chegámos a Aveiro, quando o Sol, num poente de fogo, mergulhava no mar...

Um abraço da

Zèmi

IMPRENSA

Diário de Coimbra

Por morte súbita do seu director, o professor da Universidade dr. Virgílio Correia, está de luto o nosso colega, que nele perdeu um dos seus melhores esteios.

O nosso cartão de condolências.

Voga

O n.º 9 desta revista, agora saído, além doutra matéria, publica vários retratos de candidatas a um Concurso de Beleza que abriu e de-certo vai interessar à mocidade feminina de todo o país, pondo-a em destaque.

E' que anda por aí tanta cara linda, tanta...

O volfrâmio

O govêrno português acaba de proibir a sua exportação, segundo uma nota oficiosa da Presidência do Conselho.

Tão grave decisão foi tomada em virtude dum apêlo feito pela Inglaterra como maneira de se contribuir para o encurtamento da guerra.

Sal novo

A prolongada estiagem fez com que os nossos marnotos começassem cêdo a trabalhar nas marinhas e o certo é que, algumas, já principiaram a dar um ar da sua graça.

Ainda bem, visto não gostarmos das comidas ensossas...

Aos nossos assinantes

Mais uma contrariedade, além das muitas que teem vindo ao nosso encontro, nos acaba de surpreender. A tipografia onde se compõe e imprime *O Democrata*, por falta de pessoal, acha-se impossibilitada de o fazer com quatro páginas. E assim, depois de termos conseguido uma certa quantidade de papel, coisa difícil nos tempos que decorrem, a crise dos tipógrafos, a manifestar-se por tal forma, não é das menos graves. *O Democrata* sai, portanto, hoje, com duas páginas, apenas. Mas não nos conformando com êsse regimen, vamos deligenciar—melhor dizendo—vamos apelar, a ver se de alguma forma, embora à custa de mais sacrifícios, poderemos normalizar a situação. Que os nossos assinantes desculpem, porém, se demorarem as *dêmarches* que nesse sentido nos propomos iniciar com esperança e vontade duma breve entrada na normalidade.

A Catedral de Ruão

Foi destruída por o fogo ateado por uma bomba lançada de um avião a sumptuosa catedral francesa, entre Paris e o Havre, numa cidadesinha encantadora que há anos visitámos, admirando não só êsse como outros monumentos de igual grandêza e valor arquitectónico.

Temos aqui deante de nós o album que a reproduz em nítidas fotografias de Ivon pelo que confessamos a nossa tristeza deante do irreparável. É que se torna doloroso assistir, assim, à destruição de obras de arte que tarde ou nunca voltarão a ser objecto de quem as contemplava e se sentia pequenino deante de tais maravilhas.

A guerra! Esta maldita guerra!...

Tenham juizo!

O Supremo Tribunal de Justiça confirmou a sentença do Tribunal dos Géneros Alimentícios que condenou a Nova Sociedade Vinícola em 20.000 escudos de multa por ter exportado vinho turvo...

Só fez o que devia em face de tão pouco escrúpulo...

Carta de Lisboa

Disciplina e união

No discurso que recentemente fez aos novos guarda-marinhas que a bordo do Afonso de Albuquerque partiram para uma viagem de instrução às colónias, o sr. comandante Ortins de Bettencourt, ilustre ministro da Marinha, chamou a atenção dos moços oficiais da nossa Armada, para a necessidade, cada vez maior, de mantermos a mais estrita disciplina, a maior e mais inteira unidade nacional em volta do Govêrno.

Afirmações da mais certa oportunidade, elas bem merecem ser por todos os portugueses escutadas.

Só a união e a disciplina nos tem permitido vencer as muitas dificuldades da guerra.

Só com ela e através dela nós conseguiremos ganhar a paz.

A orquestra da Emissora

O triunfo obtido em Madrid pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, foi um grande acontecimento que não pode deixar de nos encher do maior e mais justificado orgulho. A nossa primeira Orquestra, excedendo-se a si mesmo, indo para além das suas possibilidades, soube estar à altura da sua difícil missão, soube prestigiar o país numa terra de grandes e notabilíssimos musicos.

A patriótica e benemérita iniciativa de António Ferro — mais um grande triunfo para o Director do Secretariado de Informação e Cultura Popular—foi admirávelmente compreendida por todos os componentes da nossa primeira orquestra sinfónica. A amizade luso-espanhola, o intercâmbio artístico e cultural entre as duas pátrias vizinhas e amigas, que têm tido em António Ferro o mais inteligente e activo propulsor, tem, desde há dias, um novo e brilhante capitulo que não pode deixar de constituir motivo de justa alegria para Portugal.

CORDEIRO GOMES

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: ámanhã, o sr. dr. Jaime de Melo Freitas, desembargador da Relação do Pôrto; no dia 12, o sr. Francisco José Pinto, filho do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5; em 13, o sr. Manuel da Silva Corado, acreditado ourives; em 14, as srs.as D. Berta Martins de Azevedo, viúva do saudoso clínico sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, e D. Margarida de Aguiar Mano, esposa do nosso amigo Manuel Mano, funcionário dos correios em Lourenço Marques (Africa Oriental) e o sr. Manuel Seabra de Azevedo, importante industrial em Sá da Bandeira (Angola); e em 15, os srs. dr. Ernesto Guedes Pinto, médico em Coimbra, e António Pereira de Oliveira, furriel músico de Infantaria 6, do Pôrto; a interessante Maria de Lourdes Vieira e o menino Manuel dos Santos Morais, filhos, respectivamente, dos srs. António Maria, 1.º sargento da Armada, e Alvaro Morais, da firma Belo & Morais.

Gente nova

Na igreja do Outeirinho, matriz de S. Pedro das Aradas, efectuou-se, faz hoje oito dias, o batisado do filhinho do nosso amigo António Madail, que recebeu o nome de António Pinto dos Santos Madail. Paraninfaram a sr.a D. Adelina de Oliveira, filha do sr. Manuel de Oliveira, de Estarreja, e o académico Pompeu Nunes Rafeiro, com a assistência do sr. David de Sousa e esposa a sr.a D. Elvira Flores de Sousa e filha D. Fernanda Flores de Sousa; D. Alice de Almeida Figueiredo, Elisio da Silva Martins e esposa, Manuel dos Santos Madail, José Vaz, estudante no Pôrto, e do director dêste jornal e filha, D. Maria Helena Ribeiro. A seguir teve lugar um copiparo almôço na residência dos pais do neófito, situada no ponto mais aprazível e pitoresco dos arrabaldes da cidade, conhecido pela Quinta da Bôa Vista, e que decorreu num ambiente de júbilo pela alegria que trouxe ao lar de António Madail o nascimento do seu primeiro varão. Reiteramos-lhe, por isso, e a sua esposa, sr.a D. Emilia Madail, os nossos parabéns.

Praias e termas

Já se encontra a veranear em Espinho com sua esposa, o sr. dr. Elias Gonçalves, digno secretário do govêrno civil de Santarem e que no desempenho de idêntico lugar nesta cida e se houve por forma a conquistar as maiores simpatias em parte devido ao fino espírito de que é dotado.

—Na Barra encontra-se a família do sr. Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara.

Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade o nosso amigo Alexandre Gigante, de Viana do-Castelo, a quem nos foi grato abraçar.

Beneficência

Realizou-se domingo, no pavilhão de festas do Parque, o chá-dansante em benefício da sôpa do Dispensário Anti-Tuberculoso, cuja iniciativa partiu duma comissão de senhoras.

A assistência foi numerosa o que é para louvar.

NO LICEU

Realiza-se hoje uma sessão comemorativa da morte de Camões, seguida de exposição de trabalhos manuais.

Sejamos humanitários!

Subscrição aberta a favor de João Calisto, impossibilitado, por doença, de angariar o sustento para a sua família composta de mulher e oito filhos menores.

José Rodrigues Vieira	20$00
Transporte	2.087$30
Soma	2.107$30

Secção Desportiva

Basket-Ball

No Campo do Parque jogam ámanhã as equipes do *Club dos Galitos* e dos Olivais de Coimbra.

Agradecendo

Augusto Fernandes Bagão vem por êste meio agradecer a todas as pessoas suas amigas que tiveram a bondade de manifestar interêsse pela sua saude por ocasião do desastre de automóvel de que foi vítima, a todos protestando o seu reconhecimento.

Algés, 5 de Junho de 1944.

Augusto Fernandes Bagão

Correspondências

Costa do Valado, 8

Deu à luz uma menina a espôsa do sr. Manuel Nunes Génio Júnior.

Os nossos parabéns.

—Consorciou se, no domingo, Anunciação de Jesus Loureiro, filha do sr. Manuel Caetano Loureiro, com o sr. David Tomaz.

Muitas felicidades.

—Para o amigo António de Oliveira Queiroz, abastado agricultor, de Quintans, foi pedida em casamento a menina Rosa Vieira Estrêla, gentil filha do activo negociante Albino Peralta Estrêla.

—Os ratoneiros teem assaltado várias capoeiras, sendo vítima numa das últimas noites a professora sr.a D. Idalinda Dias, a quem roubaram todos os coelhos existentes.

C.

NECROLOGIA

Vitimada por uma hemorragia cerebral, finou-se, domingo, Elisa de Jesus Madureira, de 52 anos e natural de Torredeite (Viseu).

Era casada com o 1.º sargento reformado sr. Francisco Cardoso Madureira, empregado da firma *Ulisses Pereira, L.da*, deixou um filho e o seu cadáver foi sepultado no cemitério sul da cidade.

A tôda a família, as nossas condolências.

* * *

No Hospital também acabou os seus dias no estado de solteira, Maria da Cruz Simões, de 52 anos.

VENDE-SE

Um lote de sucatas de ferro fundido de máquinas, cêrca de 5.000 kgs.;

Diversos veios de ferro e aço;

Sucata de bronze e de latão de forro de navio;

Um motor semi DIESEL, marca N & K-14 HP — 550 rot. p. m.;

Uma corrente de Gall (mensageira);

Diversas baterias usadas;

Dois depósitos de chapas de ferro;

Um fogão de cosinha para bordo em estado novo;

Barris de madeira novos, servidos a óleo de lubrificação;

Um grupo electrogénio para luz.

Pode ver-se todos os dias na Seca do Milena, à Gafanha.

Recebem-se propostas em carta fechada dirigida à

Indústria Aveirense de Pesca, L.da

AVEIRO

Leilão de Penhôres

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

CASA DE CRÉDITO POPULAR

Agência n.º 45—AVEIRO

Avisam-se os mutuários que no dia 17 de Julho de 1944, pelas 13 horas, se procederá à venda em leilão, na agência n.º 11 desta Casa de Crédito Popular, sita na Avenida Rodrigues de Freitas n.º 89, no Pôrto, dos penhores cujos contratos tenham um atrazo de juros de mais de três meses.

A Agência em Aveiro receberá juros em dívida até ao dia 15 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 30 de Maio de 1944.

O Chefe da Repartição,

Francisco Cordeiro

Salvé 5-6-944

Tendo festejado neste dia o seu aniversorio natalício a menina Matilde da Silva Coelho, felicitam-na seus pais Teresa Coelho e Francisco José da Silva, assim como a restante família.

Aveiro, 5-Junho 944.

Comarca de Aveiro

Éditos de 50 dias

1.ª Publicação

Pelo Juizo de Direito do 1.º Tribunal da comarca de Aveiro e 2.ª Secção da Secretaria Judicial, Chefe Neves, correm éditos de 50 dias, notificando o requerente Tomaz Leonel da Silva Caixeiro, casado com Maria Dias Teixeira, do lugar de Vilarinho, da freguesia de Cacia, desta comarca, mas ausente em parte incerta da América do Norte, de que foi designado o dia 26 de Julho próximo, pelas 14 horas, para na sala do Tribunal Judicial desta comarca, sito à Praça da República desta cidade, se proceder à audiência preparatória nos autos de consignação em depósito que o mesmo requerente e outros movem contra Clara Soares de Oliveira, solteira, maior, comerciante, do mesmo lugar de Vilarinho.

Aveiro, 27 de Maio de 1944

O Chefe da 2.ª Secção de processos

Joaquim Vicente D. Neves

Verifiquei,

O Juiz de Direito do 1.º Tribunal,

António Gurgo

Comarca de Aveiro

Éditos de 30 dias

Por êste Juízo—1.a secção, correm seus termos uns autos de execução de divórcio com benefício de assistência judiciária, em que é requerente Lucinda da Conceição, doméstica, moradora em Vagos, e seu marido João Graça Gonçalves Mouro, carpinteiro, de Vagos, mas ausente em parte incerta, na qual a autora alega que casou com o reu no dia vinte e oito de Janeiro de 1928 no regimem de comunhão geral de bens, havendo dêste casamento os filhos Mário Duarte, Maria Cristina, Maria Elizabete e Umberto, e que há mais de três anos o reu abandonou o seu lar não se importando dela nem dos filhos. E que assim com o fundamento no número 5 do artigo 4 da Lei de Divórcio deve a acção ser julgada procedente e provada, decretando-se o divórcio e condenando se o reu nas custas e sêlos e procuradoria. E nos mesmos autos correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação do respectivo anuncio, citando o dito reu João Gonçalves Mouro, ausente em parte incerta para, no praso de 20 dias, decorrido o praso dos editos, contestar a mesma acção, sob pena de a mesma seguir os ulteriores termos.

Aveiro, 15 de Maio de 1944

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

António Gurgo

O Chefe da 1.a Secção,

Julio Homem de Carvalho Cristo

Marinha

de sal, vende-se em bom estado em Setúbal, com uma capacidade de produção para 1.800 moios, fabrico pelo sistema de Aveiro. Carrega em águas mortas.

Trata Francisco Livério—Setúbal.